

## Humanimália (A Filósofa e o Lobo)

### Texto e colagem Miriam Adelman \*

RESUMO: Nesta criação de poesia e colagem, a poeta entrelaça histórias diversas sobre (des)encontros entre humanos (mulheres e homens) e animais (lobos, cachorros, cavalos, cabras) para explorar nosso destino comum, interespecie, num mundo de crise e destruição ambiental. Tematiza entre outras coisas a violência (humana), as possibilidades de conexão, e os sentidos do selvagem e do domesticado. O texto poético também referencia a obra do escritor alemão Roland Schimmelpfennig e insere uma tradução, feita por ela, de um fragmento do poema Loba da recém falecida poeta da geração beat norte-americana, Diane di Prima.

*Palavras chaves: poesia, eco-crítica, relações humano-animais.*

ABSTRACT: In an original piece combining poetry and collage, the poet interweaves different stories that evoke encounters between humans (women and men) and animals (wolves, dogs, horses, goats) in an exploration of our common interspecies destiny. The context is, clearly, that of a world caught up in crisis and environmental destruction. Among the issues that emerge from her lines are violence (human), possibilities for connection and bonding, and the meanings of the tame, the wild, and the domesticated. As part of her text, the author also re-creates a story from the a book by German novelist Roland Schimmelpfennig, and includes her own translation of a fragment of Diane di Prima's poem Loba.

*Keywords: poetry, eco-criticism, human-animal relations.*

## I.

(o lobo)

No mundo humano, não há quem detenha a destruição.

*O homem é o lobo do homem.*

E o lobo? Sem habitat, atravessou a estrada incendiada,  
Mensageiro.



## II.

(o homem)

E o lobo, não deram mais notícias dele, não é? disse ele, olhando sub-repticiamente para a espingarda pendurada nas madeiras rudes da cabana.

No jornal, disseram que o avistaram de novo na rodovia, caminhando rumo ao norte, disse ela, mordendo os lábios.

Mas se aparecer por aqui, o que é que você está pretendendo fazer com ele?

Ela passa a mão no cabelo, tingido de loiro semanas atrás, enrola uma mecha entre os dedos. Estreita os olhos.

Não me diga que está pensando em *matá-lo*? ela disse.

(texto inspirado no romance de Roland Schimmelpfennig, *Una clara y gélida mañana de enero a principios del siglo XXI* – tradução castelhana do original em alemão)



### III.

(a mulher)

Você que carrega tanta tristeza,  
aproxime-se. Ontem sonhei  
com você, que virava cabra,  
pequenos chifres voltados para trás,  
duas luas minguantes na escuridão.  
As montanhas, como grandes  
corpos verdes que dormiam.  
Você mordiscava as pontas dos meus  
dedos. Eu olhava a cristalina líquida  
dos teus olhos. Nada, nem  
a música da minha voz, te comove.  
Nada, além da escassez do alimento.  
Ou talvez apenas a memória  
do pão, as pequenas migalhas  
de crosta endurecida.



### IV.

( o sonho )

ela vinha, me seguia. não me  
perseguiu.  
Apenas vinha andando, paciente, atrás de  
mim como  
um cão grande e esguio. Vinha para caçar,  
avançando  
sobre aquele chão de pedra gasta  
Vinha na esteira, apenas um passo ou dois  
atrás de mim.  
Virei para  
Enfrentá-la:  
anel de pêlo que destacava  
a pureza de sua cabeça.  
ela-que-teria-me-devorado  
permaneceu ali , forte,paciente,  
reconhecivelmente



Deusa.

Protetora  
grande animal da floresta europeia  
verde mulher guerreira, se elevando,  
grande cão de guarda  
com quem poderia deixar meus pequenos.  
Mãe, irmã, eu mesma.

(tradução minha, "Dream: the Loba Reveals Herself" -  
Diane di Prima, LOBA)



## V.

(a cidade)

a cidade também é nossa.  
metade deusa que nos habilita a falar,  
metade monstro que estrangula sua cria.  
*olhe bem onde coloca o pé.*



## VI.

(a fronteira)

de noite enquanto os soldados cochilavam  
costas reclinadas contra os postes o lobo  
se encolhia e passava por baixo  
dos arames. Sabia à perfeição fazer a travessia  
sobre a fina camada de gelo  
que cedia sob botas pesadas  
e também sabia avançar no embalo  
e com um grande salto pular a antiga

mureta de pedra que sempre esqueciam  
de vigiar. Na verdade, o lobo ia e vinha  
à vontade  
porque detectava de longe o estalo dos  
passos na neve, o cheiro dos homens que  
passavam seus dias como ferozes béstias  
brigando entre si pelos mesmos parques  
espólios

## VII.

(o perigo)

à espreita,  
os caçadores tomam as formas mais variadas.  
podem brincar no bosque contigo  
todos os dias,  
ou aparecer de repente, ou te colocar  
uma armadilha soterrada na neve.



## VIII.

(coração selvagem)

Quando eram pequenos, eu lia, para meus filhos, um livro que reconstruía o ‘primeiro encontro’ entre um menino e um lobo. Era uma história- conjetura , relato de um processo originário imaginado entre um pequeno ser humano e uma criatura tão elusiva, tão misteriosa, talvez tão feroz, e que não obstante, viria a ser nosso grande amigo. Nas palavras doces e inquisitivas do conto, e nas ilustrações em cores feitas para agradar qualquer criança que tivesse ou não tivesse tido contato próximo com o descendente domesticado desse lendário encontro, a aproximação deu-se, antes de mais nada, pela curiosidade recíproca. Só depois que veio o resto: o afago, a afeto, o calor compartilhado da fogueira. Para o animal, o humano lhe permitiria, antes de tudo, provar um alimento com cheiro e sabor sem igual. Para os humanos, era ele, o animal, um elo entre mundos.



## IX.

(o outro)

quantos outros habitam  
o outro lado da estrada?  
separados talvez  
pelas trilhas do trem  
pelos sons que emanam de suas  
cabanas noturnas - violão ou pandeiro  
ou choro sufocado no travesseiro -  
ou mesmo pelo cheiro do pão cotidiano,  
amassado como foi com uma farinha  
diferente, os grãos mais velhos ou novos,  
moles ou duros ou variados, e só a fome  
que se repete



**X.**

(a fumaça)

vinha de longe e  
de perto.

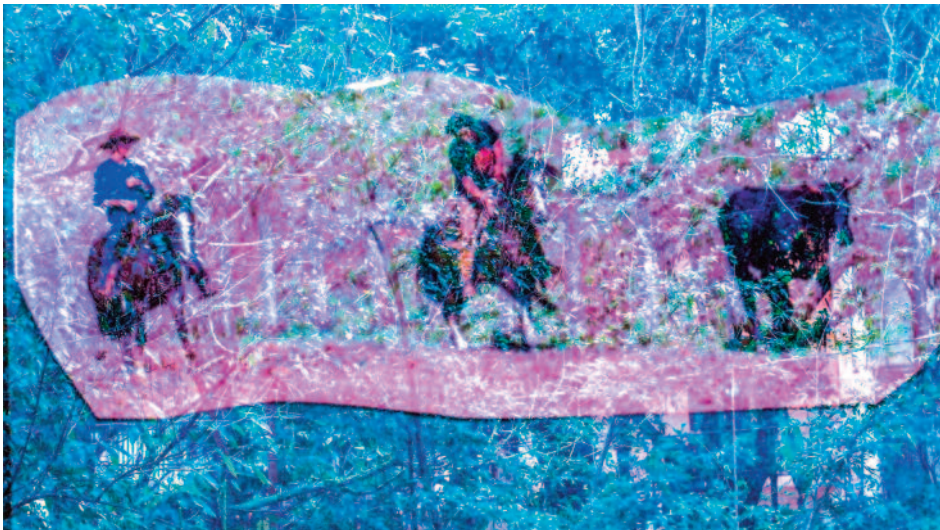
embora embaçasse a vista, fizesse a mão  
errar o alvo, eles continuavam negando. as casas que  
ardiam ainda à distância, não eram deles. nem as selvas, as relvas.  
nem a fome. na noite de patas queimadas, o lobo mais uma  
vez, soltava seu uivo, ouvindo a fuga noturna dos cavalos  
que uma vez foram mansos.



## XI.

(o cativoiro)

as cores do mundo humano  
também são fortes.  
fácil é amá-las:  
as mãos da dançarina cigana,  
o neon da rua,  
os reflexos da roda gigante  
que gira sem parar  
sobre a noite da cidade,  
onde deita a promessa  
de espetáculo sem fim.



## XII.

(o desejo)

quando eu era criança e tão pouco conhecia os desafios do mundo, escrevia sobre lobos.

desenhava lobos. recortava fotos de lobos de livros e jornais. os evocava enquanto tentava me perder nos parques mansos da cidade, com um pequeno cão peludo correndo ao meu lado. eu ainda não o entendia, mas era sim a primeira tentativa de dar forma ao desejo: pequeno farol, pequena impossibilidade.



## XII.

(a primavera)

quem cuidará dos fios e farrapos dos que ainda sonham acordados? as anciãs descem das montanhas para compartilhar as últimas histórias das tribos. aprenderemos a diminuir o passo, abrir os olhos à contraluz sob a proteção de ramos de folhagem nesta primavera de flores amarelas? no meu sonho o lobo uiva na imensidão da taiga, e os caçadores, parados também à luz da lua, entregam suas armas.



\***Miriam Adelman é socióloga**, poeta e tradutora. Nascida nos EUA, fez sua graduação de sociologia no México e seus estudos de mestrado (MPhil Sociologia, NYU) e doutorado (estudos interdisciplinares em ciências humanas, UFSC) no Brasil. Aposentada após leccionar, por 27 anos, na Universidade Federal do Paraná (Curitiba), continua vinculada a dois programas de pós-graduação dessa instituição, nas áreas de sociologia (PGSocio) e estudos literários (PPGLet). Além dos trabalhos literários que realiza, continua muito dedicada à pesquisa socioantropológica sobre relações entre humanos e equinos, que desde o final da década de 1990 vem lhe rendendo publicações (artigos, ensaios, capítulos de livro, etc.) em inglês, português, francês e espanhol.